



DEVOÇÃO PARA ACUDIR NA VIDA E AMPARAR NA MORTE: SÃO MIGUEL ARCANJO E AS ALMAS DO PURGATÓRIO*

Mauro Dillmann**

Universidade Federal do Rio Grande – FURG

maurodillmann@furg.br

RESUMO: Este artigo apresenta uma interpretação de algumas representações de São Miguel Arcanjo e sua devoção, sobretudo sua importância para os cristãos-católicos enquanto protetor na vida e na morte, especialmente na sua função de intermediário para o socorro das almas do Purgatório, no período da História Moderna ocidental. Para tal, vale-se da análise de fontes escritas publicadas em Portugal, principalmente livros religiosos de devoção. O recorte temporal privilegia o século XVIII, mas também considera outros períodos por tratar-se de concepções religiosas que ultrapassam marcos temporais rígidos.

PALAVRAS-CHAVE: São Miguel – Almas – Devoção – Purgatório.

TO MEETING DEVOTION IN LIFE AND IN DEATH PATRONIZE: SAINT MICHAEL ARCHANGEL AND THE SOULS OF PURGATORY

ABSTRACT: This article presents an interpretation of some representations of St. Michael the Archangel and his devotion, especially its importance for Christians-catholics as protector in life and death, especially in its function of intermediary for the salvation of the souls in Purgatory, in the period of modern Western history. To this end, it is the analysis of written sources published in Portugal, mainly in religious books of devotion. The major analysis favors the sources published in the eighteenth century, but also considers other periods because it is religious conceptions that go beyond strict timeframes.

KEYWORDS: St. Michael – Souls – Devotion – Purgatory.

* Este texto é uma versão muito pouco modificada de um trecho do primeiro capítulo de minha tese de doutorado em História. DILLMANN, Mauro. **Morte e práticas fúnebres na secularizada República: a Irmandade e o Cemitério São Miguel e Almas de Porto Alegre na primeira metade do século XX.** 2013. 300 f. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós Graduação em História, Unisinos, São Leopoldo, 2013.

** Doutor em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professor do Instituto de Ciências Humanas e da Informação (ICHI) e do Mestrado Profissional em História da Universidade Federal do Rio Grande – FURG/RS.

São Miguel é o Arcanjo “que nos encaminha quando nos vê errados; ele é o que nos levanta quando nos vê caídos, ele está com a espada na mão defendendo continuamente a Igreja das invasões do Inferno, ele quebra as fúrias aos nossos inimigos, ele nos há de acudir na vida, ele nos há de amparar na morte, ele nos há de alcançar a Graça, e ele nos há de meter na Glória”¹

SÃO MIGUEL ARCANJO EM PORTUGAL

O Príncipe dos príncipes. O maior no Reino dos Céus. O defensor da Igreja Católica e dos fiéis, o rebanho de Cristo. O condutor das almas entre as instâncias e estágios da vida após a morte, por onde estão penando suas culpas. O vencedor dos anjos maus. O astro celeste e luzeiro matutino. O gloriosíssimo braço de Deus e amante das almas dos escolhidos. Estas são algumas das adjetivações setecentistas dadas a São Miguel e que revelam muito sobre a sua devoção entre os cristãos. Partindo desse pressuposto, o objetivo deste texto é o de apresentar alguns elementos da representação figurativa e da devoção ao Arcanjo, que atravessam as concepções religiosas católicas do fim do medievo à contemporaneidade, enfatizando, sobretudo, a devoção em Portugal do século XVIII e, em alguma medida, no Brasil, já que esta devoção, ao transcender fronteiras territoriais, apontava para o compartilhamento de práticas pelos seus devotos.

Na Idade Moderna, a São Miguel eram devotadas orações nos momentos de morte ou de proximidade desta e dedicadas diversas missas em intenção às almas pecadoras que se encontravam provisoriamente no purgatório,² a sofrer penas do dano e do sentido.³

¹ FRANCO, João. **Sermões vários** do P. Fr. João Franco. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 1734, p. 369-370. Teólogo, consultor do Santo Ofício, da Sagrada Ordem dos Pregadores. Tomo segundo, que contém trinta sermões, vinte de vários santos, e dez das Domingas do Avento, e quaresma. E todos os sermões de Feria são de Missão. Dedicado ao Serafim do Carmo Santa Thereza de Jesus. Lisboa Ocidental: na nova oficina de Mauricio Vicente de Almeida, morador nos Sete Cotovellos, junto a S. Mamede.

² CAMPOS, Adalgisa. A portada da Capela de São Miguel e a veneração às almas do purgatório, Vila Rica – Brasil (século XVIII). In.: SCHUMM. Petra. **Barrocos y Modernos..** Frankfurt: Vervuert; Madrid: Iberoamericana, 1998.

³ Existem muitas definições para estas penas, mas utilizamos aqui o conceito usado pelo padre Joseph Velozo num sermão que fez dedicado à São Miguel no final do século XVII, em Recife, Pernambuco, e publicado em Portugal em 1691. Pena do dano seria a angústia e aflição da alma que fica

Em relação ao entendimento cristão do purgatório, cabe destacar que o historiador Jacques Le Goff⁴ buscou não apenas especificar o surgimento e o significado do purgatório a partir do século XII, na Europa, como também identificar sua origem e mais antiga definição. O purgatório, para Le Goff, era tanto um lugar quanto um intervalo espacial, um “além intermediário onde certos mortos passavam por uma provação que podia ser abreviada pelos sufrágios – a ajuda espiritual – dos vivos”, um intervalo “que se insinua e se amplia entre o Paraíso e o Inferno”. A crença no purgatório tornou-se tão arraigada na sociedade cristã que se inseriu com profundidade na devoção católica entre os séculos XV e XIX.⁵ Na literatura espiritual católica do início do século XVIII, encontramos a seguinte definição:

um lugar subterrâneo chamado pela Igreja *um lago profundo* o qual está próximo ao inferno dos condenados, e nele as almas dos justos que morreram em graça, e que inteiramente não satisfazem à Justiça Divina por meio dos tormentos que ali padecem, e são purificados pelo fogo como o ouro na fornalha para se fazerem dignas de serem apresentadas diante do trono de Deus e ter parte na posse da sua glória no Paraíso⁶

São Miguel foi tido como intercessor para a salvação das almas durante o século XVIII, sendo invocado nas orações, tanto com a finalidade de garantir uma vida terrena tranquila, protegida de qualquer investida dos inimigos, quanto um bom encaminhamento da alma no *post-mortem*, guardando-a diante de sua fragilidade e da vulnerabilidade a que estava exposta, devido à presença de pecadores no mundo dos mortos. O Príncipe da Milícia Celeste protegia os vivos e, principalmente, auxiliava as almas, livrando-as das suas saudades e conduzindo-as à graça da salvação.

impossibilitada de ver a Deus, e pena de sentido seria o tormento de fogo “de tal qualidade” a que estavam submetidas as almas no Purgatório.

⁴ LE GOFF, Jacques. **O Nascimento do Purgatório**. Lisboa: Estampa, 1993.

⁵ Ainda que semelhantemente aos discursos do século XVIII e aos conceitos apresentados, a Teologia atualmente traz outra interpretação para o purgatório. Este seria um “estado provisório” e não um “lugar”; um estado das almas que estão privadas da visão de Deus provisoriamente e que estão em relação com alguns elementos bíblicos como a crença na vida após a morte, a prática de oração pelos mortos, a purificação dos mortos no além e a imagem “muito antiga” de um lugar de espera (o inferno). Cf.: LACOSTE, Jean-Yves (Dir.). **Dicionário Crítico de Teologia**. Tradução de Paulo Meneses. São Paulo: Paulinas e Loyola, 2004, p. 1472

⁶ ABELLY, Monsieur Luís. **As verdades principais**, e mais importantes da fé, e da justiça cristã explicadas clara, e metodicamente segundo a Doutrina da Escritura, dos concílios, e dos padres, e doutores da Igreja: com muitos exemplos tirados da História Eclesiástica, e distribuídas em cinquenta e duas instruções, pelas cinquenta e duas Domingas do ano. Lisboa ocidental: oficina de Antonio Pedrozo Galram, BNP – Biblioteca Nacional de Portugal, 1729.

Em Portugal, se tomarmos como baliza o século XVIII, a devoção ao Arcanjo Miguel era já muito antiga. D. Afonso Henriques (1109-1185), o primeiro rei de Portugal, teria sido devoto do Príncipe das Milícias Celestes, ao invocá-lo na Batalha de Ourique (1139) e na Tomada de Santarém (1147).⁷ Sabe-se que em Vilarinho, no ano de 1070, foi fundado o Mosteiro de São Miguel,⁸ que, no século XII, ergueu uma igreja. Mas há quem considere que a primeira igreja dedicada a São Miguel em Portugal – sem muita suntuosidade, como se percebe na Imagem 01, foi a então intitulada “Igreja de São Miguel do Castelo”, construída no início do século XIII, na cidade de Guimarães. Considerado também o “protetor dos Exércitos e do Reino” e “Anjo custódio de Portugal”, a ele foram consagradas três capelas: a Capela do Paço Real de Coimbra, a igreja da Alcáçova de Santarém e a Capela de São Miguel do Castelo. Vale lembrar que no período de desenvolvimento das navegações oceânicas, uma das primeiras ilhas conquistadas nos Açores chamou-se São Miguel. Durante o reinado de D. Afonso V (1432-1481), São Miguel foi considerado “Protetor da Expansão Portuguesa”.

O rei D. Manuel I (1469-1521) teria solicitado ao Papa Júlio II que “oficialmente concedesse a Portugal uma Festa Litúrgica em honra de São Miguel”. Tal festa passou a ser celebrada com pompa e solenidade semelhante à Festa do Corpo de Deus, associando-se, assim, São Miguel ao Santíssimo Sacramento.

Entre leigos e religiosos sua devoção foi se expandindo, devido ao receio em relação ao “desenlace final” e à “consciência dolorosa da morte” que desde meados do século XIV rondavam as consciências cristãs. Com a preocupação e a esperança de alcançar o perdão divino passava a ser reavivada a memória do panteão celeste, incluindo-se as invocações da Virgem e de São Miguel.⁹

Em Portugal, a intensificação da crença no Purgatório e do culto às almas se dará, principalmente, depois da recepção das teses conciliares de Trento (1545-1563). Na difusão desta crença tiveram importância as confrarias, os altares e os retábulos das

⁷ EVARISTO, Carlos. **A Real Irmandade de São Miguel da Ala**. História e Estatutos – A devoção portuguesa a São Miguel, Anjo de Portugal e da Paz. Fátima: Regina Mundi Press, 2002.

⁸ A documentação deste mosteiro dentre 1104 e 1609 encontra-se no Arquivo da Torre do Tombo, em Lisboa, 11 liv, 7 maç. Fundo L208.

⁹ ARAÚJO, Ana Cristina. Morte. In: AZEVEDO, Carlos Moreira (Dir.). **Dicionário de História Religiosa de Portugal**. Rio de Mouro: Centro de Estudos de História religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2000.

igrejas, assim como os manuais de preparação da morte.¹⁰ Atestando a difusão da devoção no século XVI, seria fundado o Convento de São Miguel das Gaeiras.¹¹

No século XVIII, a devoção ao Arcanjo São Miguel, assim como a dos demais santos e mártires, viria a ser estimulada pela Igreja, através dos seus representantes seculares e regulares, que passaram a publicar inúmeros livros de vida piedosa, visando à instrução dos fiéis leigos e também dos religiosos sobre os comportamentos, modos de proceder e de devotar fervorosamente a inúmeros santos e invocações da Virgem. A seguir, analisamos algumas representações de São Miguel que avivavam a sua devoção.

Imagem 1 - Igreja São Miguel do Castelo, Guimarães, Portugal



Fonte: Vasconcelos, Joaquim de. **A arte românica em Portugal**. Reproduções seleccionadas e executadas por Marques Abreu. Porto: Marques Abreu, 1918, p. 179.

¹⁰ ARAÚJO, Ana Cristina. Morte. In: AZEVEDO, Carlos Moreira (Dir.). **Dicionário de História Religiosa de Portugal**. Rio de Mouro: Centro de Estudos de História religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2000.

¹¹ O Arquivo da Torre do Tombo também guarda a documentação deste mosteiro referente ao século XVIII, 1723-1755, 1liv. Fundo L615/2.

Imagem 2 - Fotografia atual da Igreja São Miguel do Castelo, Guimarães, Portugal



Fonte: Fotografia do autor, 2012

REPRESENTAÇÕES DE SÃO MIGUEL ARCANJO

O teólogo dominicano João Franco – um dos autores mais lidos e respeitados em Portugal no século XVIII¹² – dedicou um sermão a São Miguel, que está publicado no segundo tomo, de 1734, de um total de dez tomos com inúmeros sermões que reuniu e publicou em Lisboa, entre 1734 e 1741.¹³ Interessante atentar que neste sermão, Franco incluiu a expressão “e almas”, ou seja, “Sermão do Arcanjo São Miguel e Almas”, apontando para a importância da devoção às almas à época.

No sermão de João Franco (1734, p. 358), São Miguel é “o maior” no Reino dos Céus, é o Príncipe “a quem a Igreja hoje dá cultos”, o “Astro da Bemaventurança, a luminária do Império e defensor da Divindade, a ruína dos Infernos, o amparo do mundo

¹² Fr. Francisco Xavier de Santa Teresa, em janeiro de 1736, concedendo a licença pelo Paço para o Tomo V dos sermões de João Franco, dizia que professava pelo autor “um religioso respeito” e sobre a sua doutrina conservava “uma profunda veneração”. Além disso, sua obra no formato de manual intitulada Mestre da Vida que ensina a viver e morrer santamente, cuja primeira edição ocorreu em 1731 foi o grande sucesso do século.

¹³ Dez tomos foram localizados na Biblioteca Nacional de Lisboa, embora seja possível que tenha ocorrido a publicação de um número maior. No sexto tomo, em 1738, João Franco assim se expressou ao leitor no prólogo: “desejo dar-te doze Tomos de Sermões, mas também digo logo, que ainda que digo doze, não digo só doze, porque serão todos aqueles para que o Senhor me emprestar a vida”.

e o maior do Céu”. São Miguel excederia a todos os outros anjos na assistência aos homens na vida e, especialmente, na morte, atuando como o Arcanjo “capitão” dos demais anjos bons, que haviam lutado contra o exército de Lúcifer, vencendo-o no combate travado no céu, em defesa da glória de Deus.¹⁴

Após o duelo do bem contra o mal, Lúcifer, despojado de seu lugar, retornou à terra, na condição de anjo caído. O vigário paroquial de Recife, Joseph Velozo, em sermão proferido no final do século XVII, afirma que isto levou o “Santo Arcanjo” a desejar uma casa na terra, pois tinha pressa em defender os homens do “dragão infernal” que os ameaçava. O Arcanjo teria se revelado – em uma aparição – ao Bispo do Monte Gargano, na Itália, apontando-lhe um local, onde deveria ser edificada a sua morada para que nela Deus fosse adorado e os anjos reverenciados.¹⁵

As imagens que opõem os exércitos dos tentadores (os demônios) ao exército dos salvadores (os anjos) são típicas do universo medieval.¹⁶ A ideia de prontidão para a defesa ou o ataque da alma do sujeito, libertada do corpo logo após a morte, é, segundo Pedro Nunes,¹⁷ uma “visão maniqueísta da vida humana [que] concebe a vivência como um *local de batalha*, rodeado de seres sobrenaturais que culpavam as pessoas dos seus pecados ou lhes lembravam dos seus feitos”. A imagem do Arcanjo que pesa as almas na balança da justiça é um exemplo desse dualismo do bem *versus* mal, da virtude *versus* pecado, que chegou ao século XVIII e permaneceu no imaginário cristão. Se na Europa dos séculos XII e XIII, a imagem do Arcanjo aparecia usando túnica larga, às vezes amarrada na cintura, no século XIV, surgem imagens em que ele aparece com trajes de guerreiro, com armaduras da época, muito similar às representações de São Jorge, distinguindo-se apenas pelas asas.¹⁸ No período moderno, São Miguel é representado usando indumentária de general romano. Evidenciando esta significativa alteração nas representações, apresentamos duas imagens, que se encontram no Museu Episcopal de

¹⁴ João Franco conta em detalhes a organização de tais “exércitos” e a vitória de São Miguel.

¹⁵ VELOZO, Joseph. **Sermão do Glorioso Arcanjo S. Miguel**, com comemoração do Ofício que se faz pelas Almas do Purgatório, pregado na igreja Matriz do Arrecife de Pernambuco. Lisboa: oficina Miguel Deslandes, Biblioteca Nacional de Portugal, 1691, p. 12. O Santuário do Glorioso Arcanjo, no Monte Gargano, Itália, é hoje um dos locais mais visitados por turistas devotos de várias partes do mundo.

¹⁶ NUNES, Pedro Miguel Oliveira. **Santos, Demônios e Pecadores: do horror do pecado ao milagre da santificação**. Portugal: Pearlbooks, 2011, p. 180.

¹⁷ Ibid.

¹⁸ ROIG, Juan Ferrando. **Iconografía de los santos**. Barcelona: Ediciones Omega, 2000.

Vich, em Barcelona, na Espanha: a primeira, um “frontal” do século XIII, e a segunda, um painel do século XV.¹⁹

Imagem 3 - São Miguel e o Demônio, século XIII



Fonte: ROIG, Juan Ferrando. **Iconografía de los santos**, Barcelona: Ediciones Omega, 2000 p. 201



www.revistafenix.pro.br

¹⁹ ROIG, Juan Ferrando. **Iconografía de los santos**. Barcelona: Ediciones Omega, 2000.

Imagem 4 - São Miguel Arcanjo, século XV



Fonte: ROIG, Juan Ferrando. **Iconografía de los santos**, Barcelona: Ediciones Omega, 2000, p. 200

A partir do Renascimento, as imagens começam a apresentar São Miguel com uma lança – ou com uma espada –, com uma balança e um ou mais demônios a seus pés. A princípio, o Arcanjo pesava as almas, com forma humana, antes de encaminhá-las ao Céu, enquanto o Diabo tentava variar o peso para arrebatá-las. Posteriormente, já como guerreiro, São Miguel impunha uma lança ou espada contra o demônio, que aparece sob seus pés, geralmente, negro sob a forma humana ou de dragão, ambas com asas, garras e extremidades pontiagudas.²⁰

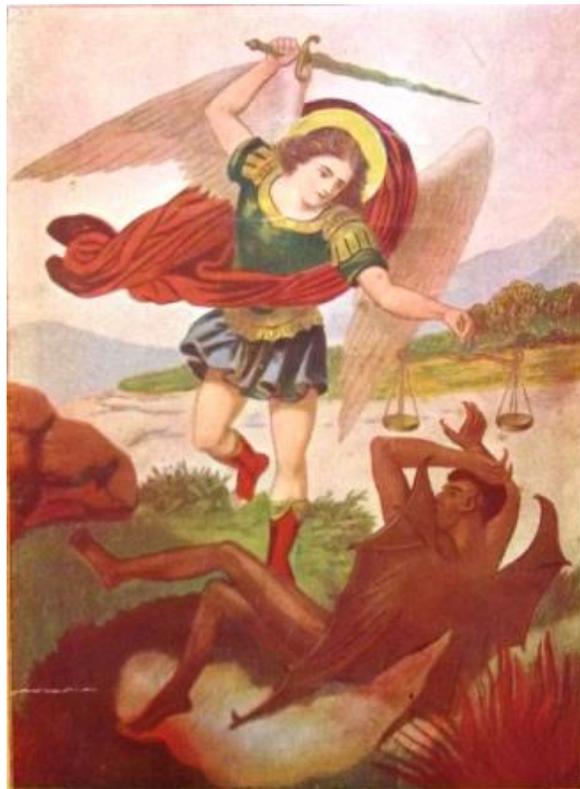
De acordo com Abílio Pereira,²¹ em um templo do século XVIII, dedicado a São Miguel, em Castro Verde, Portugal, há uma imagem em que São Miguel sai das nuvens “de capacete, armadura, espada flamejante e escudo, a perseguir cinco criaturas seminuas, que, em variadas posições, caídas ou fugindo, quais *espíritos malignos que andam pelo*

²⁰ ROIG, Juan Ferrando. **Iconografía de los santos**. Barcelona: Ediciones Omega, 2000.

²¹ CARVALHO, Abílio Pereira de. **História de uma confraria (1677-1855)**. Viseu: Tipografia Guerra, 1989, p. 166.

mundo para perdição das almas, revelam medo, terror e falta de destino”. É preciso ressaltar que a utilização de imagens santas – gravuras, pinturas ou esculturas – foi muito difundida também no Brasil setecentista, como um meio eficaz para propagação do culto e da devoção aos santos, que deve ser entendida tanto a partir do contexto contrarreformista de divulgação de culto a santos, quanto pela cultura barroca que procurava sensibilizar os fiéis por meio de recursos visuais.²²

Imagem 5 - São Miguel vence o anjo mau



Fonte: ISMA, imagem da lembrança da festa de 1941

A imagem que chegou ao século XX é a do Arcanjo que derrota o demônio já caído ao chão, com ou sem armadura, segurando uma balança na mão esquerda e empunhando uma espada na mão direita. A balança, seu símbolo por excelência,

²² O historiador Anderson José Machado de Oliveira realizou interessante análise das “imagens de devoção” de Santo Elesbão e Santa Efigênia no Brasil colonial, especialmente no Rio de Janeiro, Mariana e Vila Rica, entre o século XVIII e início do XIX, destacando o caráter educativo/pedagógico/edificante das imagens religiosas como um “vínculo de alfabetização religiosa” importante para a reafirmação do culto aos referidos santos. Cf.: OLIVEIRA, Anderson José Machado de. **Devoção negra**: santos pretos e catequese no Brasil colonial. Rio de Janeiro: Quartet, 2008, p. 230-249.

representava o poder da justiça divina a pesar as almas e a avaliar o estado de pecado ou de arrependimento pelas culpas, visando à possível purificação das almas no Purgatório. Esta é, portanto, a forma pela qual São Miguel é representado e reconhecido pelos fiéis no século XX e, em boa medida, ainda nos dias atuais.

A DEVOÇÃO A SÃO MIGUEL E ÀS ALMAS

A devoção a São Miguel, no período moderno, estava muito vinculada às almas do Purgatório. No sermão de João Franco, do século XVIII, as almas, ao se encontrarem no Purgatório, “já não podem merecer, nem podem pedir, nem podem tratar do seu remédio”, a não ser “satisfazer o que devem”, expiar suas faltas e livrar-se das culpas. Portanto, ao Arcanjo cabe acudir com empenho a estas almas necessitadas, “quando elas já não podem merecer” o fogo do Purgatório, livrando-as dos tormentos demoníacos:

Haveis de saber que como os Demônios sabem que as almas do Purgatório se hão de ver livres daquele cativoiro, como sabem que estas almas são Santas, e hão de ir gozar de Deus, contra elas é que os Demônios empenham as maiores fúrias, e as mais horrendas tiranias. Mas que faz então São Miguel? Prende os Demônios, tapa-lhes as bocas, e reprime-lhe as [suas] fúrias.²³

No Purgatório, então, a função de São Miguel era reprimir os demônios e as suas horríveis fúrias, no momento em que as almas se encontravam sofrendo tormentos similares aos infernais e já haviam penado o suficiente aos olhos de Deus para remir seus pecados.

Estas almas conduzidas por São Miguel dependiam também dos vivos para purgar mais rapidamente seus pecados, de suas orações, súplicas e esforços pessoais, – jejuns, penitências, esmolas – dos seus sufrágios, enfim, para a concessão de indulgências às almas. No Purgatório, as almas gritavam, sofriam, eram pobres e necessitadas de piedade.²⁴ Os textos escritos pelo padre Joseph Boneta, no século XVIII, retratam um Purgatório tenebroso, sofrido, escuro e recluso, do qual as almas sem descanso batiam à

²³ Quando diz “estas almas são santas” o autor estava se referindo aos religiosos para os quais discursava o sermão. FRANCO, João. **Sermões vários** do P. Fr. João Franco, Teólogo, consultor do Santo Ofício, da Sagrada Ordem dos Pregadores. Biblioteca Nacional de Portugal. Tomo segundo, que contém trinta sermões, vinte de vários santos, e dez das Domingas do Avento, e quaresma. E todos os sermões de Feria são de Missão. Dedicado ao Serafim do Carmo Santa Thereza de Jesus. Lisboa Ocidental: na nova oficina de Mauricio Vicente de Almeida, morador nos Sete Cotovellos, junto a S. Mamede, 1734, p. 366-367.

²⁴ Memorial Jesuíta Unisinos, BONETA, Joseph. **Gritos das almas no Purgatório e meios para os aplacar**. Porto: Tipografia do Jornal do Porto, 1869 [1711].

porta do Céu com ardentes suspiros. Para atender aos pedidos destas almas, os vivos devotavam a São Miguel e a ele realizavam súplicas, porque sabiam que cabia ao Arcanjo protegê-las no Purgatório.

Essa relação entre as Almas do Purgatório e São Miguel Arcanjo reforçava a devoção a este último. Na literatura espiritual produzida no século XVIII, e também na do XIX, foi recurso comum os escritores tomarem a primeira pessoa para escreverem como porta-vozes de Santos, de Cristo, da Virgem, dos Anjos ou das Almas. Isto pode ser constatado na pequena publicação anônima, de apenas quatro páginas, intitulada **Petição que fazem as almas do Purgatório aos fiéis, pedindo-lhes o socorro dos sufrágios**, de 1759. Aos piedosos fiéis cristãos, as almas aflitas solicitavam auxílio e caridade em forma de missas, orações, súplicas a São Miguel e aplicação de todos os melhores pensamentos voltados aos seus sofrimentos no Purgatório para que obtivessem mais brevemente o alívio de suas terríveis penas e pudessem gozar das glórias do reino do Céu. Em troca, as Almas ofereciam um rol de benefícios para a proteção dos vivos, como socorrer nas “ocorrências” e necessidades, conservá-los longe das misérias, defendê-los dos inimigos (“como algumas vezes o temos feito com visível aparência”), ampará-los nos trabalhos, livrá-los dos perigos “mais desesperados” e acima de tudo, perseverar pela graça dos vivos – os pecadores cuja morte não tardava a chegar – intercedendo junto a Deus.

A obra anônima **Banquete espiritual, voluntario, e gratuito em favor das almas do Purgatorio**,²⁵ publicada em Portugal em 1751 informava ao leitor católico os diversos benefícios que as almas, uma vez devotadas, poderiam proporcionar aos fiéis: livrar de doenças, de ataques, de escrúpulos, de raios, dos perigos do mar, dos rios, do fogo e também dos inimigos. Devotar as almas do Purgatório era considerado ainda um meio muito eficaz para que as mulheres tivessem um “feliz parto”, para que os juízes estivessem inclinados às demandas justas e para enriquecer “de bens temporais e espirituais” os pobres.

As almas do Purgatório aperfeiçoavam seu sentimento de gratidão e, uma vez no Paraíso, esforçar-se-iam para pela salvação eterna dos seus benfeitores.²⁶ Nos “gritos das

²⁵ **BANQUETE espiritual, voluntario, e gratuito em favor das almas do Purgatório**, e de todo o fiel Christão, à sempre excelsa virgem Imperatriz soberana Maria Mãe de Deus, venerada no seu Santíssimo Rosário, Biblioteca Nacional de Portugal, 1751, p. 35.

²⁶ VITALI, Francisco. **O mez das almas do Purgatório**. Tradução francesa de M. de Valette. Lisboa. Oficina typographica, Biblioteca Nacional de Portugal, 1887, p. 136-137. No século XIX, a devoção às

almas”, elas exclamavam: “abri a boca”, “rezai-me logo”, pois “vos dou minha palavra de recompensá-lo com pedir a Deus vos encha de prosperidades temporais e espirituais”.²⁷ Mas para que esta troca de benefícios espirituais de fato se efetivasse, primeiramente as almas do Purgatório deveriam ser encaminhadas ao Céu. E, entre tantas invocações aos santos que os católicos deviam fazer, estava: “São Miguel, que foste mandado receber as almas dos fiéis defuntos, *orai por elas*”.²⁸

A intensificação da devoção a São Miguel ocorrida durante o século XVIII parece ter exercido influência na formação eclesial do Papa Pio VII, nascido em 1740. Em 1817, aos 77 anos e 17 de pontificado, o Papa concedeu 200 dias de indulgências aos fiéis que, contritos e devotamente, recitassem o Hino com antifona e oração em honra de São Miguel Arcanjo.²⁹ A concessão de indulgências, benefícios de alívio das penas devidas pelos pecados cometidos, foi prática muito comum na época moderna, sendo largamente utilizada pela Igreja para reforçar as sensibilidades religiosas dos católicos e a devoção a alguns santos.³⁰ Para o caso de São Miguel, tratava-se do seguinte hino:

Ó luz do Padre, em que vivem
Os corações penitentes,
Entre os Anjos te louvamos
Desses lábios teus pendentes.
Em torno de ti militam
Principados aos milhares;
O teu estandarte arvora
Miguel, dos mais singulares.
Este foi, que da serpente
Atroz cabeça esmagou,
E com os soberbos rebeldes
Aos infernos a arrojou.

almas também esteve muito vinculado ao Rosário da Virgem Maria. A devoção às almas do Purgatório, considerada na literatura espiritual portuguesa como uma das mais populares e eficazes para se conseguir auxílios de ordem espiritual e temporal, era estimulada com as instruções que previam o socorro às almas sofredoras através da meditação nos mistérios e nas orações do Rosário. **O Rosário e a devoção às almas do Purgatório**. Lisboa: Tipografia Inglesa, Biblioteca Nacional de Portugal, 1823. Sobre a devoção às almas do purgatório, ver ainda ARIÈS, Philippe. **O homem perante a morte**. vol. II. Sintra: Europa-América, 1977 p. 201; VOVELLE, Michel. **As almas do purgatório ou o trabalho de luto**. São Paulo: Unesp, 2010.

²⁷ Memorial Jesuíta Unisinos, BONETA, Joseph. **Gritos das almas no Purgatório e meios para os aplacar**. Porto: Tipografia do Jornal do Porto, 1869 [1711], p. 31.

²⁸ LEAL, J.B. de Freitas. **Devocionário das Almas do Purgatório**, extraído de várias publicações piedosas, escritas na língua inglesa, especialmente do livro do Mt Revd Cônego William Moser, “All Souls’ Forget me not”. Funchal: Tip. Camões, 1894, p. 107, Biblioteca Nacional de Portugal.

²⁹ **AS SANTAS Almas do Purgatório**, [s/d], p. 291. Biblioteca Nacional de Portugal.

³⁰ FLECK, Eliane; DILLMANN, Mauro. “A Vossa graça nos nossos sentimentos”: a devoção à Virgem como garantia da salvação das almas em um manual de devoção do século XVIII. **Revista Brasileira de História**, v.32, n.63, jan.-jun, p.83-118, 2012.

Pelejemos com o dragão
A par do excelso guerreiro,
Porque nossas frentes coroaem
De gloria o manso cordeiro.
A ti Padre e Filho amado,
A ti Paraclito Santo
Seja sempre, qual tem sido,
Glória eterna, eterno canto. Amén.

Recitado com devoção, o fiel poderia experimentar os eficazes efeitos do *Patrocínio* de São Miguel “nos assaltos das tentações, assim na vida como na morte”. Diante da proximidade da morte, o padre Manoel de Maria Santíssima, em seu manual de devoção **Devoto instruído na vida e na morte** (primeira edição de 1784), instruía os fiéis/leitores: “Invocarás com muita confiança naquela hora ao Senhor S. Miguel, que te reforce, e ajude no último conflito contra as astucias do dragão infernal”.³¹ De acordo com o texto do autor anônimo, citado anteriormente, e que trazia o hino de São Miguel, a melhor maneira ou “fórmula” para se praticar esta devoção seria ajoelhado diante de uma imagem do Arcanjo, realizando uma saudação, na qual se pedia a intercessão do mesmo e se rezava um Pai Nosso e três Ave Marias. A antífona que se seguia era a seguinte:

Príncipe gloriosíssimo, S. Miguel, general dos celestes exércitos, depositário das almas, debelador dos espíritos rebeldes, camarista do divino palácio, depois de J. Cristo, admirável condutor nosso, dotado de sobre-humana excelência e fortaleza, dignai-vos de livrar-nos a todos os que a vós confiadamente recorreremos, de toda a espécie de mal, e por vossa inapreciável proteção fazer que em cada dia nos avantajemos no fiel serviço do nosso Deus. Rogai por nós, ó beatíssimo e amado S. Miguel, nosso príncipe da Igreja de Cristo. Para que sejamos dignos das promessas do mesmo Senhor.³²

Na escala da hierarquia celeste, São Miguel viria logo após Cristo, encarregado de conduzir e proteger os seres humanos dos perigos de toda espécie. Em outra oração ao

³¹ SANTÍSSIMA, Manoel de Maria. **Devoto instruído na vida e na morte em que se suaviza a Lei do Senhor**: facilita-se a santa devoção, e Oração Mental em toda a parte, e em todos os estados: insinua-se o modo prático, e fácil de fazer a confissão geral, e ordinária: propõem-se os meios mais eficazes para a reforma dos costumes, e para viver cristãmente: defende-se a virtude, e devoção dos diretórios, e injustas acusações dos mundanos: ensina-se o modo de resistir com facilidade às tentações: de ajudar a bem morrer: de rezar o Rosário, e coroa da Mãe de Deus, com várias Bênçãos, e Absoluções, etc. Obra útil a todo o Cristão, e principalmente Reverendos Párcos, Diretores das almas, e Professores da santa devoção. Quarta edição mais correta. Lisboa, Regia Off. Typografia, 1792, p. 323, Biblioteca Nacional de Portugal.

³² **AS SANTAS Almas do Purgatório**, [s/d], p. 295 – 296. Biblioteca Nacional de Portugal..

Arcanjo, escrita e publicada em Portugal, por um anônimo no início dos anos 1800, percebe-se este empenho em guiar os fiéis diante das ameaças da vida e da morte:

olhai benignamente para quem por vós chama e vos pede favor. Não desprezeis a quem vos roga e pede vosso favor, e em vós confia: defendei vossos servos, guardai nossa vida, guiai-nos nas trevas, e perigos do mundo, e levai-nos à Pátria. Recebei na hora da morte nossas almas, e apresentai-as ao Senhor, para que o pai da soberba, a quem vós rendestes, não triunfe delas, e se alegre de nossa ruína.³³

ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

Na crença católica, São Miguel cumpria sua missão divina: dominava o Purgatório, amparava as almas pecadoras e defendia os homens também nesta vida. Não obstante, caberia aos vivos se “empenhar no seu serviço”, prestando-lhe homenagens, rezando, adorando, cultivando sua devoção. O tempo de estada das almas no Purgatório dependia, conseqüentemente, do não esquecimento pelos parentes e amigos do falecido.

Uma das maneiras de expressar essa veneração, além de rezar e assistir missas, estava na construção de igrejas, no erguimento de oratórios e na fundação de irmandades. Tais iniciativas podem ser observadas tanto em Portugal, quanto na América. Em Lisboa, a Irmandade das Benditas Almas, de 1780, previa missas – aos vivos e defuntos – oficiadas todas as segundas-feiras, em altar dedicado a São Miguel, e a organização de festas anuais ao arcanjo “com toda a grandeza”.³⁴ Quanto à devoção na América portuguesa, os trabalhos de Caio Boschi³⁵ e Adalgisa Campos³⁶ apontaram tanto para a institucionalização da devoção a São Miguel em Minas Gerais, quanto para sua condição de terceira maior devoção do século XVIII naquela capitania.

Num período em que a salvação da alma era prerrogativa primeira de todo e qualquer cristão, devotar São Miguel era uma alternativa eficiente para o encaminhando

³³ **O CRISTÃO devoto.** As principais devoções para empregar o tempo santamente, com o ofício da Imaculada Conceição e os ofícios que a Igreja costuma celebrar na manhã de Domingo de Ramos, Quinta-feira Santa, e Sexta-feira de Paixão. 2ª edição. Lisboa: Imprensa da Rua dos Fanqueiros, n. 129B, 1828, p. 59-60, Biblioteca Nacional de Portugal.

³⁴ **COMPROMISSO da Irmandade das Benditas Almas**, sita na freguesia de S. Gonçalo dos Campos da Cachoeira. Lisboa: régia oficina tipográfica, 1780, cap. VII e IX, Biblioteca Nacional de Portugal.

³⁵ BOSCHI, Caio César. **Os leigos e o poder.** Irmandades Leigas e Política colonizadora em Minas Gerais. São Paulo: Ática, 1986.

³⁶ CAMPOS, Adalgisa. A portada da Capela de São Miguel e a veneração às almas do purgatório, Vila Rica – Brasil (século XVIII). In.: SCHUMM. Petra. **Barrocos y Modernos.** Frankfurt: Vervuert; Madrid: Iberoamericana, 1998.

reto da vivência virtuosa da fé. Como dizia João Franco em meados dos setecentos, conforme citação na epígrafe deste texto, o Arcanjo “nos encaminha quando nos vê errados” e “nos há de acudir na vida” tanto quanto “nos há de amparar na morte”.

RECEBIDO EM: 11/10/2014

PARECER DADO EM: 15/02/2015



www.revistafenix.pro.br